

O INCESTO DE LOT E SUAS FILHAS

LOT'S INCEST AND HIS DAUGHTERS

Daisy Wajnberg

Mestre em Comunicação e Semiótica PUCSP

Doutora em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas USP

e-mail: dwajnberg@uol.com.br

Resumo: A narrativa sobre Lot aborda o primeiro incesto na Bíblia. A gravidade do ato mostra-se atenuada – as filhas pretendiam garantir descendência, após a destruição da humanidade; o pai agiu sem consciência, pois foi embebedado. Mas a análise literária sugere questões sobre a responsabilidade dos respectivos personagens. O comentarista medieval Rashi examina o texto bíblico e obtém, em certa medida, resultados análogos.

Palavras-chave: Bíblia, Lot, narrativa, comentário.

Abstract: Lot's narrative is the first account of incest in the Bible. The seriousness of the act is therein attenuated – Lot's daughters did what they did with the purpose of assuring Man's offspring after the destruction of Mankind; Lot himself was led to act without conscience, having been previously made drunk. However, literary analysis of the pertinent passages raises some important issues about the characters' real responsibilities for the deed. Rashi, a Medieval commentator, examines the biblical text and obtains, to some extent, similar results.

Keywords: Bible, Lot, narrative, commentary.

Aquilo que conhecemos hoje como a Bíblia Hebraica tem uma longa história de composição. O texto sagrado do judaísmo foi considerado, desde o século XIX, como uma obra composta por diversos documentos, escritos em várias épocas e amalgamados num conjunto por volta do século VI antes da era comum. Porém, há vários elementos que fazem da Bíblia um texto coeso, provavelmente arquitetados nessa instância de sua edição.

Gênesis, o primeiro dos livros da Bíblia, relata as origens do universo e a história ancestral do povo de Israel. Sua unidade enquanto livro se sustenta inclusive na organização da trama temática. Um de seus motivos mais constantes é o problemático relacionamento entre irmãos, foco que insiste e se desenvolve de diversas formas ao longo de todo o livro. Pode-se dizer que o que ocorre em *Gênesis* é fundamentalmente a perturbação do laço fraterno, os impasses de uma relação marcada pela rivalidade, descortinando um mundo de conturbados afetos, como ciúmes e inveja.

A questão fraterna perpassa todo *Gênesis*, constituindo uma espécie de fio narrativo que, além de alinhar várias histórias, oferece a matéria com a qual se tecem diferentes configurações. Apenas para mencionar alguns desses episódios, temos o fratricídio de Caim e Abel no início de *Gênesis*, o conflito entre Esaú e Jacó no centro e a pequena novela de José e seus irmãos, ensejando o desfecho do livro.

Se o primeiro assassinato da Bíblia é um assunto entre irmãos, também o primeiro incesto é praticado por duas irmãs. Porém, neste curto relato de apenas oito versículos (Gn 19: 30-38), a fraternidade aparece sob o prisma da cumplicidade, ao contrário da relação conflitante que predomina em outras narrativas de *Gênesis*. A história está inserida no capítulo 19, cujo centro é a destruição de Sodoma e Gomorra em função dos pecados de seus habitantes. Lot, sobrinho de Abraão, morava na região e foi o único poupado pelos anjos de Deus, juntamente com suas filhas. Todos os demais foram destruídos, inclusive sua mulher, transformada num bloco de sal.

A primeira menção às duas filhas é feita pelo próprio Lot no versículo 8. A cena mostra Lot buscando proteger seus hóspedes – na verdade, os anjos de Deus (cf. Gn 19: 1) – da maldade dos habitantes da terra. Os homens de Sodoma cercam a casa de Lot, onde se abrigam os forasteiros, exigindo que estes lhes sejam entregues. Há uma nítida intimidação sexual no discurso dos

sodomitas, que desejam “conhecer” os homens que vieram a Lot.¹ Porém, para nossa surpresa, em sua firme defesa dos visitantes, Lot lhes propõe em troca as próprias filhas – “eis que tenho duas filhas, que não **conheceram** homem algum; eu as farei sair para vós e farei com elas o que melhor lhes parecer; apenas a estes homens não façais nada, pois vieram à sombra de meu teto”².

De fato, a acolhida de forasteiros era uma prática comum a vários grupos sociais no antigo Oriente Próximo. Nas narrativas bíblicas há vários exemplos dessa obrigação do residente em alimentar e proteger os hóspedes que se encontrassem em ambiente hostil. A hospitalidade no antigo Israel constituía, portanto, uma espécie de instituição moral, desenvolvida a partir das duras condições no deserto e da existência nômade do povo.³ A história de Lot ilustra tal dever e o quanto poderia levar a uma conduta extrema.

No versículo 8, Lot não só apresenta pela primeira vez as suas filhas como, literalmente, apresenta-as como objetos sexuais. Sua virgindade é acentuada pelo pai, tornando-as apetecíveis perante a luxúria dos homens de Sodoma. A crueza da fala paterna acaba por criar um paradoxo: se existe alguma ética a ser preservada na defesa dos hóspedes, conforme o hábito mencionado, como imaginar que, diante deste bando de homens, a oferta das próprias filhas seria um bem? Ou seja, a primeira pergunta cabível é sobre o caráter de Lot e, mais ainda, sobre ele enquanto pai. Afinal, que força de interdição teriam as palavras paternas, no momento em que oferece suas filhas para

¹ André Chouraqui frisa o “sentido brutal de penetração física”, envolvido na ameaça dos sodomitas diante da casa de Lot. Afirma que “o contexto não pode deixar qualquer dúvida sobre este ponto. Daí o sentido adquirido pela palavra sodomia”. (Cf. Chouraqui, 1995, p. 190)

² Minha proposta de tradução. Os trechos bíblicos foram traduzidos do original hebraico, procurando a versão mais literal possível, mesmo que resulte em alguma estranheza no português. Isso seria fundamental para examinar o texto do ponto de vista literário. Algumas traduções, como a da *Bíblia de Jerusalém* (1987), são certamente agradáveis à leitura, porém apagam aspectos formais relevantes à análise literária. Mencione-se também a tradução hebraizante de André Chouraqui (1995) para o francês, re-traduzida para o português e a reputada tradução de João Ferreira de Almeida diretamente do hebraico, *A Bíblia Sagrada* (1937), contendo o Velho e Novo Testamento. João Ferreira de Almeida (Lisboa, 1628-?) foi um escritor e pregador de meados do século XVII, provavelmente um jesuíta convertido ao calvinismo e radicado na Holanda.

³ Vide o verbete “hospitality” em Freedman (1992, pp. 299-301) e na *Encyclopaedia Judaica* (1972, pp. 1030-33).

uma espécie de estupro coletivo?⁴

A economia nas afirmações morais é quase uma praxe na narrativa bíblica. O narrador onisciente escasseia julgamentos e, parcimonioso, impele o leitor a buscar respostas nas entrelinhas. Algumas possibilidades se delineiam então: estaria Lot, que ali vivia, contaminado pelo pecado que grassava na região? Neste ponto é importante voltarmos ao capítulo precedente, que se encerra com uma cena de grande força dramática⁵: Abraão, ao ser informado dos planos divinos para a destruição de Sodoma e Gomorra, põe-se a discutir com Deus, barganhando passo a passo em favor dos eventuais e poucos homens justos que ali vivessem (Gn 18: 23-33).

A palavra repetidamente usada no trecho é *tzadiq*, termo legal para o inocente, mas também uma qualidade moral, isto é, o justo. Abraão porta-se aqui como o mais justo dos justos, advogando sempre por meio de categorias gerais – o justo, o ímpio. Contudo, o texto não menciona em nenhum momento o sobrinho Lot que ali vivia, nem muito menos Abraão o designa como *tzadiq*. Assim, na sutileza deste silêncio, talvez tenhamos uma pista de que o caráter de Lot estará em questão nos próximos trechos. Note-se que Abraão já socorreu o sobrinho Lot, capturado quando Sodoma foi tomada por outros reis (Gn 14: 14-16). As relações de parentesco valeram então a empreitada da guerra. Podemos supor que, quando se trata de assuntos humanos, Abraão defende Lot. Mas, nesse caso, a questão é outra, a saber, as relações com o divino. É nesse âmbito que o texto faz o silêncio assinalado.

O contexto sexual deste capítulo 19 é patente. Observe-se, ademais, seu caráter transgressivo – não se tratam de relações sexuais ditas “normais”. Os homens de Sodoma querem “conhecer” os hóspedes de Lot. Este oferta suas duas filhas virgens – aquelas que não “conhecem” homem – em substituição, ao bel prazer dos sodomitas. Finalmente, o capítulo se encerra com o incesto consumado das filhas com o pai. As conexões entre os diversos eventos convergem sobre a mesma palavra, o verbo *yada*, cujo significado sexual

⁴ O contexto leva à idéia de agressão sexual, embora não se mencione a palavra “estupro”. As práticas sexuais aberrantes dos sodomitas estão sugeridas, inclusive, pela exigência do bando de homens em “conhecer” os forasteiros.

⁵ Segundo E. Speiser (1964, p. 130), “os capítulos 18 e 19 apresentam uma contínua e bem integrada narrativa, cujo trabalho é inteiramente do javista, com a única exceção de 19: 29”.

encontra uma equivalência aproximada na expressão em português: conhecer biblicamente.

Por ora, deixemos a questão de Lot em suspenso para falar das personagens femininas. As filhas de Lot são sempre mencionadas em conjunto – *shtei bnot Lot*, as duas filhas de Lot. Todos os registros narrativos concordam neste ponto: o discurso dos anjos, o narrador e também a fala do pai Lot. Em outras palavras, o texto desenha as personagens como uma dupla inseparável que acompanha o percurso do pai. Elas praticamente não comportam diferenciação – de fato, nem mesmo têm nome. São apenas as duas filhas de Lot, isto é, objetos delineados em torno do pai.

Após a destruição total de Sodoma e Gomorra, Lot e suas duas filhas fogem para a montanha e acabam por refugiar-se em uma caverna. É neste espaço abrigado, escondido, que se passa o relato do incesto. O mundo exterior cessa então de existir, como se tivessem sido abolidas as regras e as leis entre os homens. Sós, no mundo, tudo pode acontecer nesta zona de sombra. O texto, no entanto, tratou de iluminar alguns pontos, esclarecendo os motivos que levaram ao incesto. Logo de início, quase como uma legenda, a filha mais velha afirma que não haveria na terra homem nenhum para garantir a descendência, a não ser o velho pai. E, do lado de Lot, encontramos a bebedeira como justificativa para o ato incestuoso. Dito de outra maneira, a exposição narrativa usou de uma estratégia de atenuações.

Pouco desenvolvidas até a cena do incesto, as personagens femininas criam alguma autonomia. Surge uma distinção entre as irmãs, introduzida pelo narrador no versículo 31, com as palavras *bekhirah/ tzeirah*, a primogênita e a mais jovem. Ora, sabemos que estas categorias revelam-se fundamentais no tratamento do conflito fraterno em *Gênesis*, principalmente a partir do meio do livro, na narrativa de Esaú e Jacó, bem como na das irmãs Lea e Raquel, designados pelos mesmos termos⁶.

Nestas personagens das filhas de Lot, vagamente esboçadas, quase figuras míticas talvez, é como se a presença destas palavras já anunciasse o tema da problemática primogenitura. Praticamente em toda geração de *Gênesis*,

⁶O tema do conflito fraterno inicia-se com Caim e Abel, sem a presença dos termos *bekhor/ tzair*. A importância destas categorias passará a ser imensa a partir de Esaú e Jacó.

veremos inverter-se a ordem dos costumes sociais, em que o primogênito se constituiria como filho sucessor. Como observa o crítico Robert Alter (1981, p.6), basta que surja um primogênito para assistirmos sua derrocada, por assim dizer: “o primogênito muitas vezes aparece como perdedor em Gênesis, unicamente por sua condição de nascimento”. Assim, sobre o filho mais velho sempre acaba por incidir “um inescrutável, imprevisível princípio de eleição outro que não o *natural*” (*ibid.*). Nessa direção, a narrativa focaliza a primogênita como aquela que propõe o incesto, enquanto a mais nova apenas lhe obedece, seguindo-a na ação. A conclusão tende a ser a seguinte: se alguma responsabilidade há, nesta situação de fim do mundo, esta recairia muito mais sobre a primogênita do que sobre a caçula. Mesmo porque o texto está construído de forma a que se ouça somente a voz da primogênita, ao passo que quem relata a anuência da mais nova é o narrador.

Todavia, nesse caso, não há conflito entre irmãs. Ao contrário, teríamos uma solução de continuidade entre elas que caminham e agem a par e passo. A mais velha arquiteta o plano de embebedar o pai *para que ambas durmam com ele e assim garantam descendência* (grifos da autora), como se depreende nas falas da primogênita nos versículos 32 e 34, nos quais sempre aparecem os verbos conjugados na primeira pessoa do plural, *nós*. Também o narrador, cujo discurso segue-se ao da primogênita, confirma e quase ecoa os termos propostos por ela. Assim, essas irmãs constituiriam uma espécie de entidade conjunta.

Examinemos agora um detalhe fundamental. Nos versículos 33 e 35 o narrador relata a ação que acaba de se consumir, isto é, que o pai foi embebedado e cada filha deitou-se com ele. Ambos os versículos terminam com a mesma frase – *welo' yada' beshikhvah uvequmah* – “e ele não soube ao deitar-se ela, nem ao levantar-se ela”, cujos termos hebraicos procuro manter do modo mais literal possível. Ou seja, repetidamente afirma-se que o pai não se deu conta de ter dormido com as filhas. O narrador aborda aqui o incesto sob diferentes ângulos: o das filhas e o do pai. A função desta forma de relato parece clara: contrastar filhas e pai no que diz respeito à consciência do ato incestuoso.

A mesma palavra usada anteriormente, o verbo *yada'*, aparece agora para falar de um desconhecimento do pai. A questão é que o escritor bíblico jogou com dois sentidos de *yada'* – um é conhecer sexualmente e o outro,

saber. Desse modo, a afirmativa de que o pai não soube da relação ilícita que acabou de acontecer torna-se, de certa maneira, ambígua. Tudo levaria a crer que o escritor fez questão de inocentar o velho pai que, bêbado, nada teria percebido nas duas vezes em que ocorreu o incesto, a não ser por este provocativo jogo de palavras, que faz colidir a idéia de desconhecimento com o contexto maior do capítulo 19, construído com base no saber sobre a sexualidade em seus aspectos mais transgressivos. Na sutileza deste jogo significativo, abalam-se as certezas e a linha de sentido que nos chega do contexto redobra sua força: Lot habitava Sodoma; Lot ofertou as filhas virgens aos sodomitas; Lot dormiu com uma filha após a outra. Teríamos, assim, bons motivos para desconfiar de uma ironia.

A ambigüidade que caracteriza a narrativa bíblica foi extensamente trabalhada pelo crítico israelense Meir Sternberg (1987). Para ele, existe um cuidadoso manejo de lacunas textuais que faz com que o narrador transite sempre entre “a verdade” e “toda a verdade” (aquela inteiramente expressa). No caso aqui estudado, o personagem de Lot ficou marcado pela ambigüidade, pois algo do seu caráter escapa ao leitor, embora ainda apareça enquanto textura. Não se trata, portanto, de desacreditar a afirmação do narrador onisciente, mas sim de perceber que nem toda a verdade teria sido dita sobre Lot.

A história de Lot com as filhas pode ser considerada em termos etiológicos, na medida em que aí se assenta o surgimento de povos diversos. Sob a ótica de Israel, o viés historiográfico envolveria um tom satírico, já que os respectivos ancestrais de moabitas e amonitas teriam nascido do duplo incesto (cf. Chouraqui, 1995)⁷. Porém, como demonstra um exame mais detido da narrativa, a perspectiva etiológica não a esgota. Até mesmo neste relato tão breve, destaca-se o refinamento da literatura bíblica na representação da natureza humana.

A figura de Lot veio sendo problematizada ao longo do capítulo 19 de *Gênesis* e culminou neste último jogo significativo. Apesar da explicitação reiterada do desconhecimento do pai, há uma opacidade última, um resto a interpretar no duplo sentido da palavra *yada'*. Como resultado, obtemos um

⁷ Para André Chouraqui (1995, p. 199), “o relato, de caráter etiológico, tende, em verdade, a explicar a origem dos povos de Moab e Amon, e a natureza dos laços que os uniam a Israel, cuja superioridade é atestada pela pureza da filiação abrahâmica. Moab e Amon são corrompidos pela mancha original do incesto de Lot”.

processo de caracterização no qual a imagem de Lot vai se recompondo em matizes. Uma vez lançada a dúvida sobre seu caráter, cabe ao leitor a reflexão. E voltamos à pergunta inicial: até que ponto o pai é inocente? E mais, quão justo seria Lot? Teve ele neste episódio a retribuição pela sua chocante oferta das filhas virgens aos sodomitas? Com a inversão de posições, o pai, que tratou suas filhas como objeto, será agora sujeitado por elas? Teria sido poupado da aniquilação, apenas porque Deus se lembrou do justo Abraão?

Essas perguntas surgem do próprio texto, das sugestões implícitas nas formas expressivas. Mas isso não é propriamente novidade. Também os comentaristas da tradição judaica, que esmiuçaram o escrito bíblico, voltaram-se para essas pistas. São eles rabinos, cujas produções literárias foram transcritas a partir dos primeiros séculos da era comum. Sua concepção de que o texto é sagrado e que, portanto, não existiriam problemas, como erros na cópia dos manuscritos, faz com que a observação seja levada às últimas conseqüências.⁸ Obscuridades na frase, grafia das palavras e até tamanho das letras são convocados para a interpretação. Sem dúvida, o caminho trilhado pelos comentadores tradicionais é bem peculiar, mas o alcance de sua leitura quiçá nos surpreenda. O interessante é que muitas vezes o comentário rabínico obtém resultados próximos da análise literária moderna.

Tomemos o mais clássico dos comentaristas, conhecido pelo acrônimo de Rashi (cf. Zajac, 1993). Trata-se do Rabino Shlomo ben Yitzhaq (1040-1105), que viveu na cidade de Troyes, no norte da França. Sua obra é praticamente imprescindível como ponto de partida na tradição judaica, seja nos comentários bíblicos como também nos do Talmud. Pois bem, Rashi também se deteve nesta narrativa sobre o problema da responsabilidade de cada uma das filhas e do pai. Em relação às filhas, o comentarista nota que o texto as diferencia num pormenor. Rashi comenta o versículo 33, em que o narrador relata a primeira ocorrência do incesto, com a primogênita. Num procedimento típico desta literatura, apenas uma frase do discurso é examinada: “e ela deitou-se com seu pai”. Eis o comentário:

E deitou-se com seu pai. Mas sobre a mais nova está escrito e deitou-se com ele, posto que não começou a promiscuidade, pois foi sua irmã quem lhe

⁸Este assunto foi tratado mais extensamente em meu livro. (cf. Wajnberg, 2004)

ensinou. Assim, poupou-lhe a Escritura e não especificou sua infâmia. Mas a primogênita, que começou a promiscuidade, foi exposta pela Escritura, explicitamente.⁹

Vejam a fineza da leitura, cujo método é comparativo. Rashi toma dois versículos deste capítulo 19 de *Gênesis*: 33 e 35. Ambos se passam na esfera do narrador, relatando as duas relações sexuais ocorridas. Estão dispostos em paralelo: as frases são muitos semelhantes, mas apresentam variações. No caso da mais velha, diz-se “ela dormiu com seu pai”; e para a mais nova, a frase é “ela dormiu com ele”. A observação desta diferença permite Rashi concluir que a primogênita foi exposta em sua responsabilidade, já que apenas aí se declara com todas as letras que houve incesto.

Na mesma linha, Rashi fala dos filhos nascidos de tais relações. A primogênita chamou seu filho de Moav, enquanto a mais jovem chamou seu filho de Ben Ami. O comentarista lê o nome Moav (*me – av*, literalmente “do pai”) como a explicitação da origem incestuosa deste filho. Em outras palavras, nem aí a primogênita tentou esconder o ato incestuoso, exibindo-o no nome. Já a caçula apenas indicou que o filho vinha do próprio povo – Ben Ami, literalmente “filho de meu povo”. Em suma, no tocante às filhas, Rashi segue as pegadas do texto bíblico de perto. A leitura envereda por detalhes que talvez passassem despercebidos, mas a idéia de que a primogênita se encontra num patamar muito diverso da irmã está inteiramente presente no texto. Como observei, ela é a autora do plano e, portanto, em termos narrativos, somente sua voz é audível.

Com Lot, a questão é menos definida e isso no próprio texto bíblico. A obliquidade, no caso do pai, substitui a relativa clareza no que diz respeito às filhas. Esse ponto intrigou os estudiosos judeus, que já ofereciam alguns caminhos interpretativos nos primeiros séculos da era comum. Desse modo, quando apresentamos este comentário de Rashi é preciso ter em mente que ele retoma uma fonte tradicional muito anterior, sem citá-la explicitamente.¹⁰

⁹ Tomei por base a tradução do Rabino Motel Zajac (1993). A palavra *znut*, presente neste comentário, cobre significados diversos, como os de prostituição, fornicação e também adultério. Optei pelo termo mais amplo “promiscuidade”, ao invés de “adultério” que consta na versão de Zajac (*Ibid.*, p. 83). A rigor, não se trata de adultério, pois Lot já enviuvara e suas filhas não eram casadas.

¹⁰ Especialistas assinalam que a fonte destes textos pode ser rastreada até a obra *Sifre* – compilação de comentários sobre o livro de *Números* – cuja redação se deu em torno da metade do século III d.C. (cf. Butin, 1969, pp. 67-72 e Ginsburg, 1897, p. 319).

Voltemos, pois, ao bordão do narrador bíblico que repetia a mesma frase nos vs. 33 e 35: “e ele não soube ao deitar-se ela, nem ao levantar-se ela”. Novamente, deparamo-nos com a ambigüidade desta afirmação, sugerida no jogo de sentidos entre conhecer e conhecer sexualmente. Daí a questão com a qual o comentarista tem de se defrontar – afinal, em que medida Lot sabia do que já estava “sabendo” naquele momento? Passo ao texto de Rashi:

Em seu levantar. [A expressão] *bequmah*, ao levantar da primogênita, está marcada com um ponto, significando que, ao seu levantar, soube [Lot], e mesmo assim não se guardou de beber na segunda noite. Disse Rabi Levi: “Aquele que é ávido por ter relações incestuosas, no fim será levado a alimentar-se da própria carne”.¹¹

A trama comparativa prossegue. Rashi detém-se na expressão *bequmah* (ao levantar-se ela) que se repete em dois versículos. O comentarista decerto não lê de forma apressada, nem tampouco se deixa impressionar pelas escusas do narrador. Mas, diante da ambigüidade na Bíblia, Rashi decide-se por um sentido. Para ele, Lot soube do fato acontecido logo que a filha se levantou. E, mesmo assim, tratou de repetir a dose, deixando-se embebedar na segunda oportunidade. Como chegou a essa conclusão?

Em primeiro lugar, existe aqui uma questão de grafia. O hebraico permite dois modos de representação: a escrita completa, na qual figuram certas letras que auxiliam na leitura da palavra, e a escrita defectiva, sem essas letras. Rashi se apóia na diferença de grafia da palavra *bequmah* (ao levantar-se ela), presente numa e noutra vez em que ocorreu o incesto. Somente no caso da primogênita a palavra *bequmah* está escrita completa, incluindo a letra *waw* que, ademais, encontra-se *reforçada por um ponto acima dela*. Este ponto chamaria atenção para algo particularmente revelador. Seria o indício forte – materialmente assinalado no texto – de que Lot, sim, sabia do que se tratava ali.

Um certo mistério cerca o tal ponto. Trata-se de um dos dez casos de “pontos extraordinários” que figuram nos cinco primeiros livros da Bíblia Hebraica (*Torah* ou Pentateuco), conjunto este considerado como fundamento do judaísmo. Em raras palavras surgem esses pontos, porém não há consenso

¹¹ Aqui, preferi traduzir a palavra *araiot* no sentido mais estrito – “relações incestuosas”, o que imprimiria maior precisão ao fecho do comentário – ao invés de “relações sexuais” como na versão do Rabino Motel Zajac (1993, p. 83).

sobre sua precisa função. Indicariam problemas na transmissão do texto, como a existência de variantes? Assinalariam importantes questões teológicas naquele trecho? A ocorrência desses pontos é muito antiga. Constam nos manuscritos do texto autorizado pela tradição judaica e mesmo em alguns manuscritos do Mar Morto, que lhe são muito anteriores.¹²

O fato é que nessa literatura, que prima pela observação exaustiva, o ponto jamais deixaria de trazer conseqüências. Seu efeito para este comentário parece ser o seguinte: ele anula de certa maneira a idéia de que Lot ainda ignorava ter dormido com a primogênita, quando ela se levantou. Teríamos aqui uma indicação de que se deve desconsiderar a ignorância de Lot, mantendo-a somente para a primeira das ações (ao deitar-se ela). Note-se que a frase bíblica em questão está construída na forma negativa: “e ele não sabia [...]”. O que ocorre no comentário, em termos de lógica, poderia ser traduzido como uma negação que incide sobre outra negação. Ora, negar o total desconhecimento resulta em afirmar – Lot compreendeu algo neste momento e, portanto, dormiu com a próxima irmã já sabendo o que fazia. A agudeza na observação propiciou essa leitura, na qual se afasta a certeza do narrador frente à dubiedade do acontecido.

O encanto da moderna crítica literária com a literatura dos comentaristas mostra-se plenamente justificado. Seria Rashi um formalista de primeira hora? A materialidade da linguagem é trabalhada com máximo rigor. Mas se contávamos apenas com sisudez nesta literatura feita por rabinos, deparamo-nos também com um laivo de humor. Este último comentário de Rashi faz esboçar um sorriso. Então, a suposta alienação do sujeito Lot cairia por terra diante do formato tão sugestivo da letra *waw*, um traço vertical erguendo-se inequívoco em meio aos véus do texto? A imagem maliciosa parece saltar do comentário. Prova incontestada que, ao final da primeira vez, Lot poderia ter desistido, mas não o fez.

Evidentemente, a gravidade do assunto requer tratamento mais definitivo. Por isso as palavras do antigo exegeta Rabi Levi são citadas por Rashi,

¹²Um resumo a respeito dos “pontos extraordinários” pode ser encontrado em Edson F. Francisco (2005, pp. 214-6).

criando a oportunidade de arrematar a composição.¹³ O comentário pronuncia-se então de uma vez por todas: houve desejo. A forte metáfora, que aproxima o desejo incestuoso e o alimentar-se da própria carne, adverte quanto às consequências, ressaltando a dimensão entrópica, autodevoradora do incesto.

Não posso deixar de pensar que fino psicanalista daria Rashi, pela seriedade com que enfrenta o texto, abrindo uma fresta por onde se entrevê a implicação do sujeito. Sua interpretação partiu de um único ponto, um sinal aparentemente acessório. Mas o ponto sobre a letra – ensina o comentarista – faz toda diferença. A bem da verdade, o detalhe abriu um leque de diferenças. Entre as irmãs, pois, foi a mais velha quem iniciou a ação. Discriminam-se também dois momentos – o deitar-se e o levantar-se – sendo que o último tem peso maior naquilo que descortina no pai o saber inconsciente do desejo. E, por fim, a leitura do intérprete re-pontuou a narrativa inteira, marcando uma distinção entre os tempos: entre a primeira e a segunda vez é preciso fazer uma pausa.

Aliás, entre o texto e o seu leitor, de fato, sempre existe um desafio a transpor. A tradição judaica pede que o sujeito nela inserido salte sobre esse abismo e faça a sua leitura. A tarefa exigida é árdua. O próprio Rashi, ao longo do seu comentário sobre o Pentateuco, constatava algumas vezes as dificuldades da leitura, a resistência do texto à entrega. Nesses momentos, dizia Rashi, o texto ganha vida e parece solicitar do leitor *darsheni*, “interpreta-me”.

Referências:

A BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1987.

A BÍBLIA Sagrada. Velho e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Londres, Lisboa e Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, 1937.

ALTER, Robert. *The Art of Biblical Narrative*. New York: Basic Books Publishers, 1981.

¹³ Rashi, comentarista medieval do século XII, cita Rabi Levi, que produziu provavelmente ao redor do século IV da era comum. (cf. Strack, 1959, p. 124). A retomada de antigos comentários é um recurso típico deste gênero literário, denominado midrash. Tais fragmentos de textos, cujos autores muitas vezes sequer são mencionados, fazem parte da tradição oral judaica. Observe-se também que Rashi nem sempre refere suas fontes, seja citando obras ou nomes de supostos rabinos que o precederam.

BUTIN, Romain. *The Ten Nequdoth of the Torah: the meaning and purpose of the extraordinary points of the Pentateuch*. New York: Ktav Publishing House, 1969.

CHOURAQUI, André. *A Bíblia: No Princípio. Gênesis. Tradução para o francês e comentários*. Trad. Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

ENCYCLOPAEDIA JUDAICA. Jerusalém: Keter, 1972. (v. 8)

FRANCISCO, Edson F. *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao texto massorético*. São Paulo: Vida Nova, 2005.

FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. New York: Doubleday, 1992. (v. 3).

GINSBURG, Christian D. *Introduction to the massoretico: critical edition of the Hebrew Bible*. London: Trinitarian Bible Society, 1897.

STERNBERG, Meir. *Poetics of Biblical Narrative: ideological literature and the drama of reading*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

STRACK, Hermann L. *Introduction to the Talmud and the Midrash*. New York: Meridian Books and Jewish Publication Society, 1959.

SPEISER, Ephraim A. *Genesis (Anchor Bible). A new translation with introduction and commentary*. New York: Doubleday, 1964.

WAJNBERG, Daisy. *O Gosto da Glosa: Esaú e Jacó na tradição judaica*. São Paulo: Humanitas, 2004.

ZAJAC, Motel. *Chumash com Rashi - Bereshit (Gênesis). Com comentários de Rashi em português*. São Paulo: I. U. Trejger, 1993.

Recebido em agosto de 2005
Aprovado em setembro de 2005